

## A pessoa humana como ser em busca de sentido, sob a ótica de Edith Stein

Renato Tadeu de Castro Vale

<http://lattes.cnpq.br/2081142008411132>

O que é o homem? Em sua completa análise, é o ser ao mesmo tempo complexo e simples. Pouco tempo se gastou para que pudesse falar sobre. Porém, no Século XX, a filósofa alemã Edith Stein, através de seus estudos nos campos da fenomenologia, trouxe conceitos fundamentais sobre a Pessoa Humana e sobre sua busca de sentido.

Para Stein, seu principal ponto de pesquisa filosófica é abordar esse homem que quer seu sentido, afinal, a filósofa carmelita viveu os horrores das duas grandes guerras, o que a levou a questionar sobre o homem, levando-a a produzir diversos artigos e obras sobre a importância da pessoa humana.

Na sua obra *Ser Finito e Ser Eterno*, Edith Stein traz a questão do sentido do ser e estes se mostram de diferentes modos do ser: o ser real, essencial, existencial e inteligível, sob o ponto de partida para a reflexão sobre o fundamento do ser. Ela não abandona o viés fenomenológico, porém recorre a Tomás de Aquino e Aristóteles para demonstrar a relação ser finito e do Ser Eterno. Ela afirma que “se fala do ente em muitos sentidos, mas sempre é em relação com um termo único e a uma só natureza [que pertence a todo ente enquanto tal]” (STEIN, 1994, p. 353).

Esses diferentes significados, segundo Stein, não são prioridades, pois há uma preocupação com a significação de todo o ser finito. Ela afirma que:

O ser finito é o desdobramento de um sentido; o ser essencial é um desdobramento atemporal mais à da oposição da potência e do ato; o ser real é um desdobramento a partir de uma forma essencial, da potência ao ato, no tempo e no espaço. O ser inteligível é um desdobramento em muitos sentidos: a gênese dos produtos inteligíveis autênticos é temporal, como o movimento de pensamento pelo qual estão formados. (STEIN, 1994, p. 348)

Edith Stein escreveu, em *Ser Finito e Ser Eterno*, uma investigação da consciência sobre o sentido da *vida-do-eu*, cujo objetivo não foi simplesmente criar uma teodiceia, mas apresentar esse sentido. Para ela, não se deve ir em abstrações metafísicas para se chegar à busca do sentido do ser, mas deve “servir-se de conceitos formulados [...] e a força no fato de compreender e descobrir suas sínteses históricas” (STEIN, 1994, p. 16). O ser, ao questionar

sua existência, volta ao ponto de partida e, ao voltar, depara-se com uma única certeza: eu vivo, eu existo. Afirmar sua existência é o marco inicial para a busca do sentido do ser. Stein afirma:

O campo para o qual devem dirigir-se nossas investigações é o da consciência no sentido da vida-do-eu [...] posso duvidar que a conclusão sacada por mim seja correta, mas o pensamento que resulta das conclusões é um fato indubitável; da mesma maneira, é inegável tudo o que eu desejo e quero [...] todo aquele em que eu vivo e existo, o que se dá para o ser do eu consciente de si mesmo. Porque, de onde queira [...] se encontra um eu sou [...] que me dirija intelectualmente de qualquer maneira que seja, eu sou me dou conta deste ser (STEIN, 1994, p. 53).

A filósofa carmelita apresenta questionamentos sobre o sentido do ser: o sentido pleno foi “exaurido pelo que achamos ser verdadeiro? E se trata de um sentido pleno ou somente uma forma de plenitude, que recebe uma realização distinta por diferentes modos de ser?” (STEIN, 1994, p. 348).

É possível achar uma resposta, ao examinar cada uma das possíveis determinações transcendentais do ser. Ao pôr em evidência seu sentido, fica claro que o ser não é mais que outro nome, não é uma explicação e nem uma redução eidética. E não significa uma exteriorização deste ser, ou uma manifestação do seu ser conhecido. Ela afirma que:

Estar ordenado segundo uma lei estrutural determinada e assim se encontrar em harmonia tanto com o espírito ordenador como o espírito conhecedor de uma ordem correspondente [e o ser, então] é um elemento simples, é o significado da exterioridade e interioridade, assim como a ordem das partes num todo se remete a oposição da forma e da plenitude, tal como indica a estrutura fundamental do ente: *algo que é*. (STEIN, 1994, p. 349).

O ser é uno. O que existe participa dele. Seu *sentido pleno* corresponde à plenitude de todo o ente. Mas, ao afirmar que o ser é uno, não se deve pensar na unidade como algo geral, não como um gênero que se divide em espécies e se particulariza em indivíduos (cf. STEIN, 1994, p. 350), mas é essa totalidade, da qual participam todas as partes. Edith Stein afirma que:

Se pode pensar primeiro na natureza enquanto mundo da percepção sensível e da experiência, e das coisas a partir das quais se constrói esta natureza. Mas deve-se pensar, principalmente, nos entretenimentos da natureza (tomada aqui em um sentido correspondente mais ao pensamento contemporâneo que ao pensamento medieval) e o espírito. (STEIN, 1994, p. 351)

Portanto, ao afirmar que todo o ser real, está fixado em seu ser essencial, este é algo *imutável*, onde repousam a lei e a ordem do mundo criado, submetido a uma evolução constante, pois “esta multiplicidade se encontra reunida em um ser divino, infinito e único, que se limita e se divide nela para se constituir o arquétipo do mundo criado e é nesta unidade está o fundamento e se encontra a plenitude do ser.” (STEIN, 1994, p. 352)

Logo, isso significa que o ser individual possui uma essência que o faz poder expressar de uma maneira mais geral, porém o ser individual não se reduz a sua essência. Stein afirma que “o que ele possui de mais constitui a propriedade única e imediata da coisa singular. Por isso a mesma individualidade é designada como algo incomunicável”. (STEIN, 1994, p. 483).

Por fim, Edith Stein afirma que:

Duas coisas individuais da mesma espécie são distintas uma da outra por sua essência, mas não podemos perceber esta diferença. É evidente que aqui se separa a essência individual e a essência geral (a determinação genérica e específica) [...], mas parece como se deveríamos aceitar uma diferença das essências individuais entre si desde o ponto de vista de seu conteúdo e, portanto, ao mesmo tempo, uma determinação da essência individual por seu conteúdo que supera a determinação geral de sua essência; mas se trata de uma determinação que não poderíamos nem conceber, nem designar por seu conteúdo, mas de maneira formal. (STEIN, 1994, p. 485)

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

STEIN, Edith. **Ser Finito y Ser Eterno. Ensayo de una ascensión al sentido del ser.** México: Fondo de Cultura Económica, 1994.